

O Ateneu

de Raul Pompeia
por Fernanda Ferreira dos Santos



AOL

Análise de Obras Literárias



POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

EXPEDIENTE



Coleção AOL

Copyright © Editora Poliedro, 2020.
Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro.
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal,
Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Autoria: Fernanda Ferreira dos Santos

Direção-geral: Nicolau Arbex Sarkis

Direção editorial: Sandra Carla Ferreira de Castro

Gerência editorial: Wagner Nicaretta

Coordenação de projeto editorial: Brunna Mayra Vieira da Conceição

Edição de conteúdo: Julia da Rosa Silva

Analista editorial: Débora Cristina Guedes

Gerência de produção editorial:

Andréa Cozzolino

Coordenação de edição de texto: Anaiza

Castellani Selingardi

Edição de texto: Cláudio Leyria

Coordenação de revisão: Carla Vieira

Cardoso Egídio

Revisão: Bianca da Silva Rocha, Carolina Genúncio, Kemi Tanisho e Vivian Prado de Souza

Coordenação de arte: Kleber S. Portela e Leonardo Pires

Diagramação: Alexandre Moreira Lemes, Anderson de Oliveira e Guilherme Oliveira

Ilustração: Robson Araújo

Projeto gráfico e Capa: Kleber S. Portela

Coordenação de licenciamento e iconografia: Letícia Palária de Castro Rocha

Analistas de licenciamento: Jade Cristina Bernardino

Coordenação de planejamento editorial: Rodolfo da Silva Alves

Planejamento editorial: Caroline Barbosa Lopes do Amaral e Maria Carolina das Neves Ramos

Coordenação de PCP: Anderson Flávio Correia

Analista de PCP: Vandrê Luis Soares

Colaboração externa: Karina Braga (revisão)

Impressão e acabamento: PifferPrint

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequente correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no Art. 28 da Lei 9.610/98.

O Ateneu

de Raul Pompeia

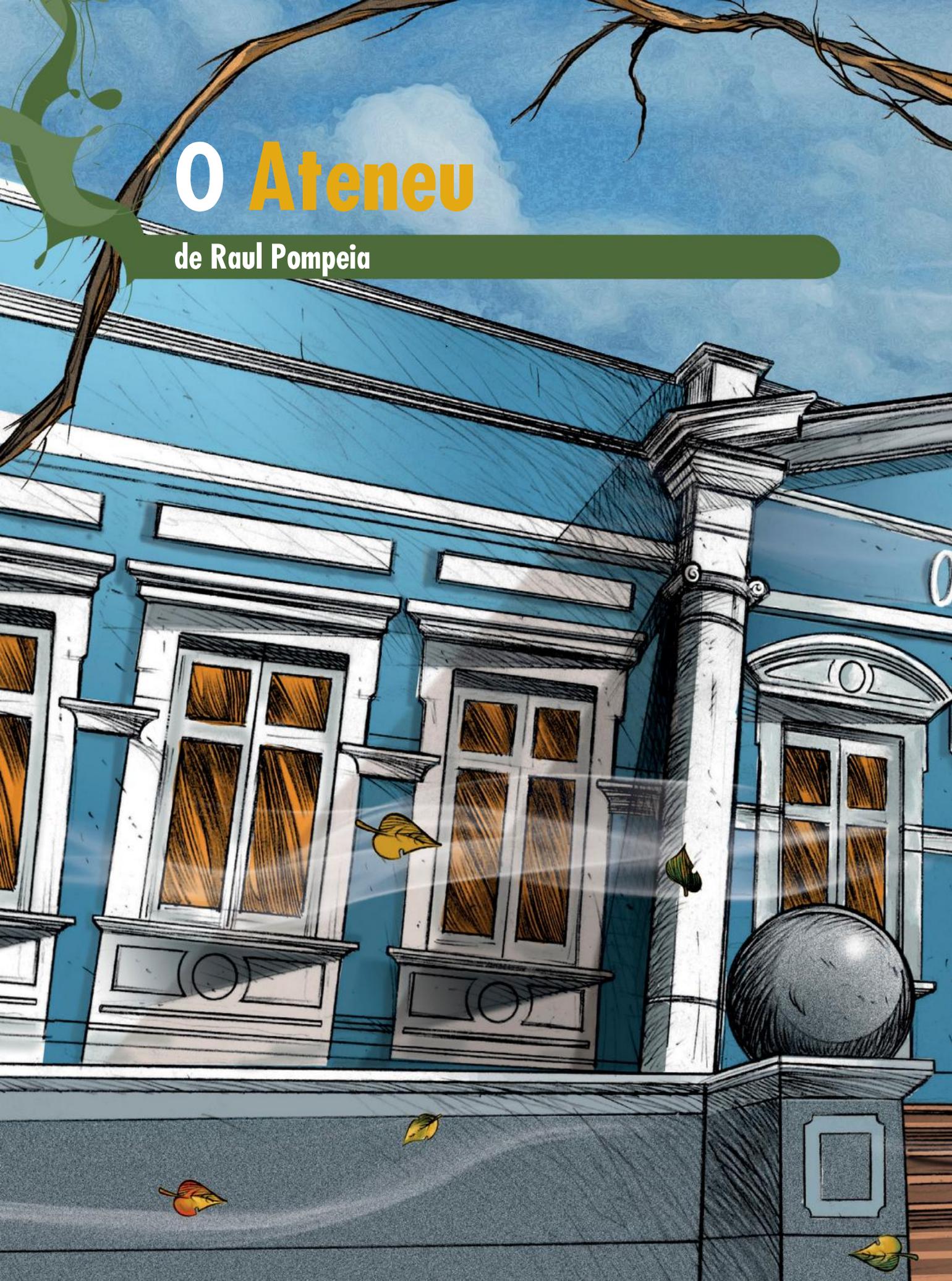


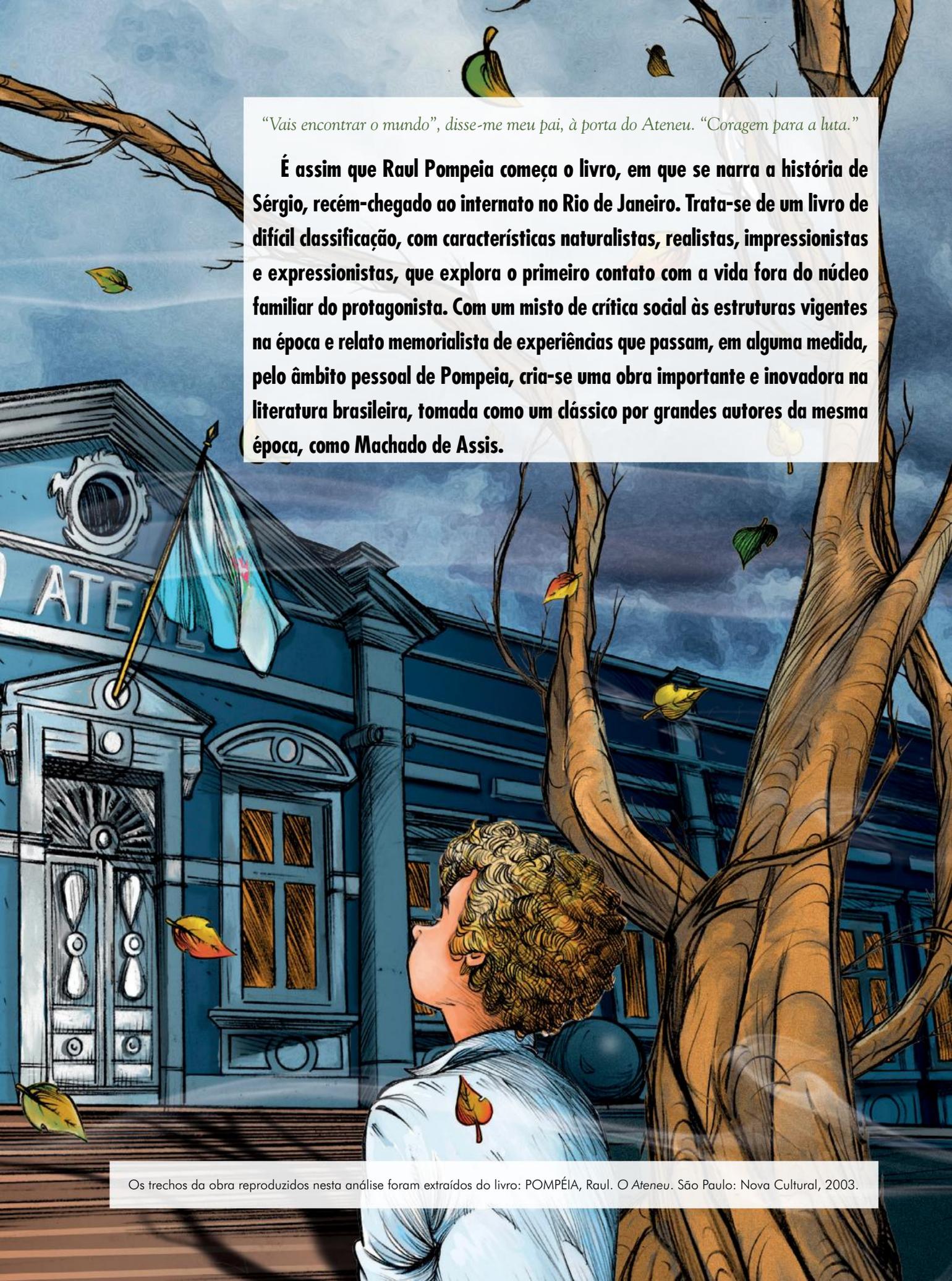
AOL

Análise de Obras Literárias

O Ateneu

de Raul Pompeia



A stylized illustration in a comic book style. In the foreground, a young man with curly, light-colored hair is shown from the back, looking towards a large, classical-style building. The building has a sign that says 'ATENEU' and a flag flying from a pole. The scene is set outdoors with several trees and many leaves falling through the air, suggesting an autumn setting. The color palette is dominated by blues, browns, and yellows.

“Vais encontrar o mundo”, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. “Coragem para a luta.”

É assim que Raul Pompeia começa o livro, em que se narra a história de Sérgio, recém-chegado ao internato no Rio de Janeiro. Trata-se de um livro de difícil classificação, com características naturalistas, realistas, impressionistas e expressionistas, que explora o primeiro contato com a vida fora do núcleo familiar do protagonista. Com um misto de crítica social às estruturas vigentes na época e relato memorialista de experiências que passam, em alguma medida, pelo âmbito pessoal de Pompeia, cria-se uma obra importante e inovadora na literatura brasileira, tomada como um clássico por grandes autores da mesma época, como Machado de Assis.

INTRODUÇÃO ▼

A história se passa no ambiente fechado e corrupto do Ateneu, sendo a narração dos fatos feita pelo próprio Sérgio adulto, carregada de recordações e impressões dos tempos em que frequentou a escola, tal qual subintitula o primeiro capítulo: “Crônicas de saudades”. Já adulto, o narrador deixa vir à tona as impressões a partir da recordação infantil, mas também com a perspectiva do homem adulto que pode compreender esses acontecimentos de outra forma e perceber os problemas e as implicações que eles tiveram em sua vida. Como resultado, a instituição, os colegas, os professores e o diretor Aristarco aparecem de maneira praticamente caricatural, com as hipocrisias e as ambições projetadas e realizadas, conforme pode ser observado no trecho a seguir.

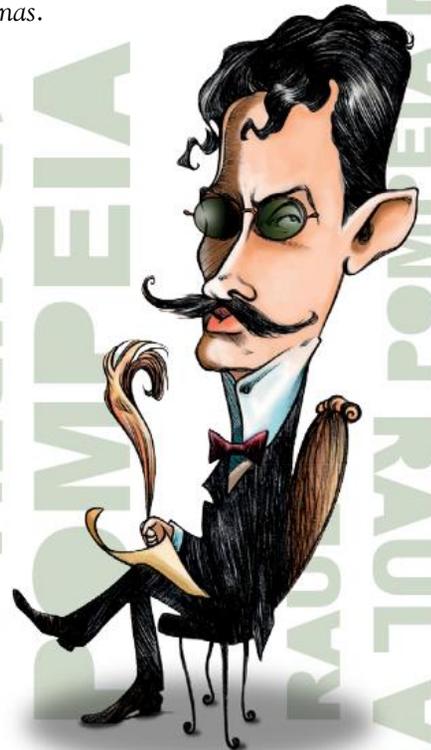
“Vais encontrar o mundo”, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. “Coragem para a luta.” Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado beirando a estrada da vida.

SOBRE O AUTOR ▼

Pequena biografia do autor

Raul d’Ávila Pompeia nasceu em Angra dos Reis (RJ), no dia 12 de abril de 1863, onde viveu até os 10 anos, momento em que a família se mudou para a capital. Seu pai, Antônio D’Ávila Pompeia, era advogado, e a família possuía uma boa condição financeira, o que permitiu que, tão logo chegassem ao Rio de Janeiro, Raul fosse matriculado num rígido colégio interno, chamado Colégio Abílio. Foi nesse espaço que sua vocação para a literatura ficou evidente, tornando-se redator e ilustrador do jornal que circulava internamente: O archote. Neste, revelara, desde o início, sua veia crítica, e os comentários que fazia no jornal ocasionaram sua transferência para o famoso Colégio Imperial Dom Pedro II. No novo colégio, desenvolveu-se ainda mais nas artes e, em 1880, publicou seu primeiro romance: *Uma tragédia no Amazonas*.



**RAUL
POMPEIA**

Em 1881, mudou-se para São Paulo para estudar na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Ali, envolveu-se com o ambiente literário e com as ideias reformistas da época, participando das campanhas abolicionista e republicana, tanto nas atividades acadêmicas como na imprensa. Nesse período, estreitou laços com Luís Gama, líder abolicionista, vindo a ser seu secretário.

Como jornalista, teve uma contribuição significativa, publicando em jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Ainda em São Paulo, publicou, no Jornal do Comércio, as “Canções sem metro”, poemas em prosa, os quais foram reunidos postumamente em um volume. Em 1882, lançou, em folhetins da Gazeta de Notícias, *As Joias da Coroa*, uma novela com caráter antimonárquico.

No terceiro ano da faculdade, em 1883, foi reprovado principalmente devido a seus posicionamentos políticos. Para concluir o curso de Direito, foi para Recife em 1885, embora nunca tenha exercido a profissão. Retornando para o Rio de Janeiro, após a graduação, dedicou-se exclusivamente ao jornalismo – escrevendo em diversos gêneros, como crônica, folhetim, artigo, conto – e participou intensamente da vida boêmia das rodas intelectuais. Em 1888, ocorreu a publicação, em forma de folhetim, no Gazeta de Notícias, de seu mais conhecido romance, *O Ateneu*, produzido em três meses e com ilustrações feitas pelo próprio autor.

Após ser decretada a Abolição da Escravatura, em 1888, movimento com o qual esteve bastante envolvido, passou a engajar-se na campanha pela República. Em 1889, fez colaborações para o jornal *A Rua*, de Pardal Mallet, e para o *Jornal do Comércio*. Após a Proclamação da República, ocupou a cadeira de professor de Mitologia da Escola Nacional de Belas Artes e, em 1894, tornou-se diretor da Biblioteca Nacional.

Na esfera jornalística, revelou-se florianista exaltado, opondo-se a outros intelectuais de seu grupo, como Pardal Mallet e Olavo Bilac. Suas ideias e postura firmes e polêmicas, inclusive no jornal, renderam-lhe grandes dissabores e conflitos com amigos.

De acordo com Miskolci e Balieiro (2011, p. 83), *vivia-se o período de edificação da recente república. Pompeia, nacionalista fervoroso, posicionava-se em prol da unidade nacional em face dos interesses econômicos de países estrangeiros e das “ameaças” separatistas internas por meio da defesa apaixonada de Floriano Peixoto. Assim se desenrola sua polêmica com Olavo Bilac e Luís Murat, críticos do governo do “marechal de ferro”.*

MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. “O drama público de Raul Pompeia: sexualidade e política no Brasil finissecular”. *Revista brasileira de ciências sociais*. São Paulo, v. 26, n. 75, p. 73-88, fev. 2011. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v26n75/04.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2019.

Um exemplo dessa polêmica envolvendo Bilac foi a publicação da charge “O Brasil crucificado entre dois ladrões” (em referência a Portugal e à Inglaterra), a qual desgostou muita gente, principalmente Bilac, que, como resposta, fez um artigo para o jornal desaprovando a atitude de Raul. Pompeia, por sua vez, desafiou o autor parnasianista para um duelo, que não se concretizou por intervenção de padrinhos.

Em virtude da morte de Floriano Peixoto, em 1895, perdeu o cargo de diretor da Biblioteca Nacional, sob a acusação de desacato, proferida por Prudente de Moraes, Presidente da República naquele momento, devido ao discurso exaltado que Pompeia fez para o presidente anterior em seu enterro. Algum tempo depois, o jornalista Luís Murat publicou um texto em referência ao funeral, tecendo críticas à atitude de Pompeia, apoiando sua demissão e insinuando covardia do autor de *O Ateneu* no desfecho do episódio com Bilac.

Deprimido, após tantas inimizades e tantos dissabores decorrentes de seu comportamento ácido, crítico e instável, Pompeia cometeu suicídio com um tiro no coração em 25 de dezembro de 1895.

O autor e seu período

Raul Pompeia foi um importante escritor brasileiro da segunda metade do século XIX. No que concerne às questões políticas e históricas da época em que viveu, elas permearam suas obras, pois, como se observou, ele foi um homem completamente engajado aos acontecimentos que efervesciam em seu tempo. Foi um abolicionista e um republicano fervoroso, e isso se refletiu em seus escritos. Foi também um indivíduo que viveu do jornalismo e da escrita (é claro que não se pode diminuir o fato de ele ser proveniente de uma família de boa situação financeira, diferentemente do que ocorria com Machado de Assis ou Aluísio de Azevedo, autores contemporâneos a ele), seja de obras literárias ou de produções diversas no jornal. Essa foi uma característica marcante do período, quando ocorreu uma profissionalização da escrita, o que permitiu aos autores

se manterem mais próximos do jornal. Em decorrência disso, surgiu uma nova forma de publicação dos romances, o folhetim, publicação quinzenal ou mensal de capítulos dos romances em suplementos literários dentro dos jornais, o que popularizou a leitura e permitiu certa democratização da literatura, contribuindo para que boa parte dos escritores da segunda metade do século XIX atendessem também ao gosto popular da época, para garantir reconhecimento e consumo de suas obras.

Conforme mencionado, sua posição intelectual e política libertária, antiescravagista e antimonarquista incide em suas obras, em especial a última característica. Em *As Joias da Coroa*, essa crítica fica evidente: uma sátira ácida, que critica a presença da Família Real no Brasil e que trata de um acontecimento verídico, o roubo das joias de D. Pedro II. Essa mesma crítica aparece em *O Ateneu*, como veremos mais adiante.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

Obras do autor

Romances

- *Uma tragédia no Amazonas* (1880)
- *As Joias da Coroa* (1884)
- *O Ateneu* (1888)
- *Agonia* (romance inacabado – 1895)

Conto

- *Microscópicos* (1881)

Poema em prosa

- *Canções sem metro* (1881)

Meditações

- *Alma morta* (1888), meditações publicadas na *Gazeta da Tarde*

Aspectos gerais da produção literária do autor

Sendo um autor da segunda metade do século XIX, literariamente possui uma produção que gravita entre o Realismo e o Naturalismo, sendo de difícil classificação, pois ainda é possível encontrar traços do Impressionismo, questão à qual retornaremos posteriormente, na obra analisada.

Quanto à linguagem utilizada por Pompeia em suas obras, o vocabulário é rico e impessoal, com muitas

narrativas descritivas longas e detalhadas, repletas de adjetivações, beirando, por vezes, certo preciosismo de linguagem. O uso desse vocabulário rebuscado e rico, na precisão das palavras, é uma característica do realismo francês. Gustave Flaubert, por exemplo, vai explorar a ideia da arte pura e da palavra justa na construção de uma narrativa com linguagem precisa e com perfeição vocabular.

Quanto à construção das personagens, percebe-se uma exploração dos traços psicológicos, bem como dos

sociais. Em *As Joias da Coroa*, por exemplo, pelo próprio caráter anedótico, há a predominância da construção das personagens como tipos. Em *O Ateneu*, isso se mescla. Algumas personagens são exploradas em sua densidade, outras não, e a mesma personagem pode apresentar essa oscilação ao longo da narrativa, pois em certos momentos beiram a caricatura, por meio da deformação e do exagero, na tentativa de tornar a crítica social às instituições mais consistente.

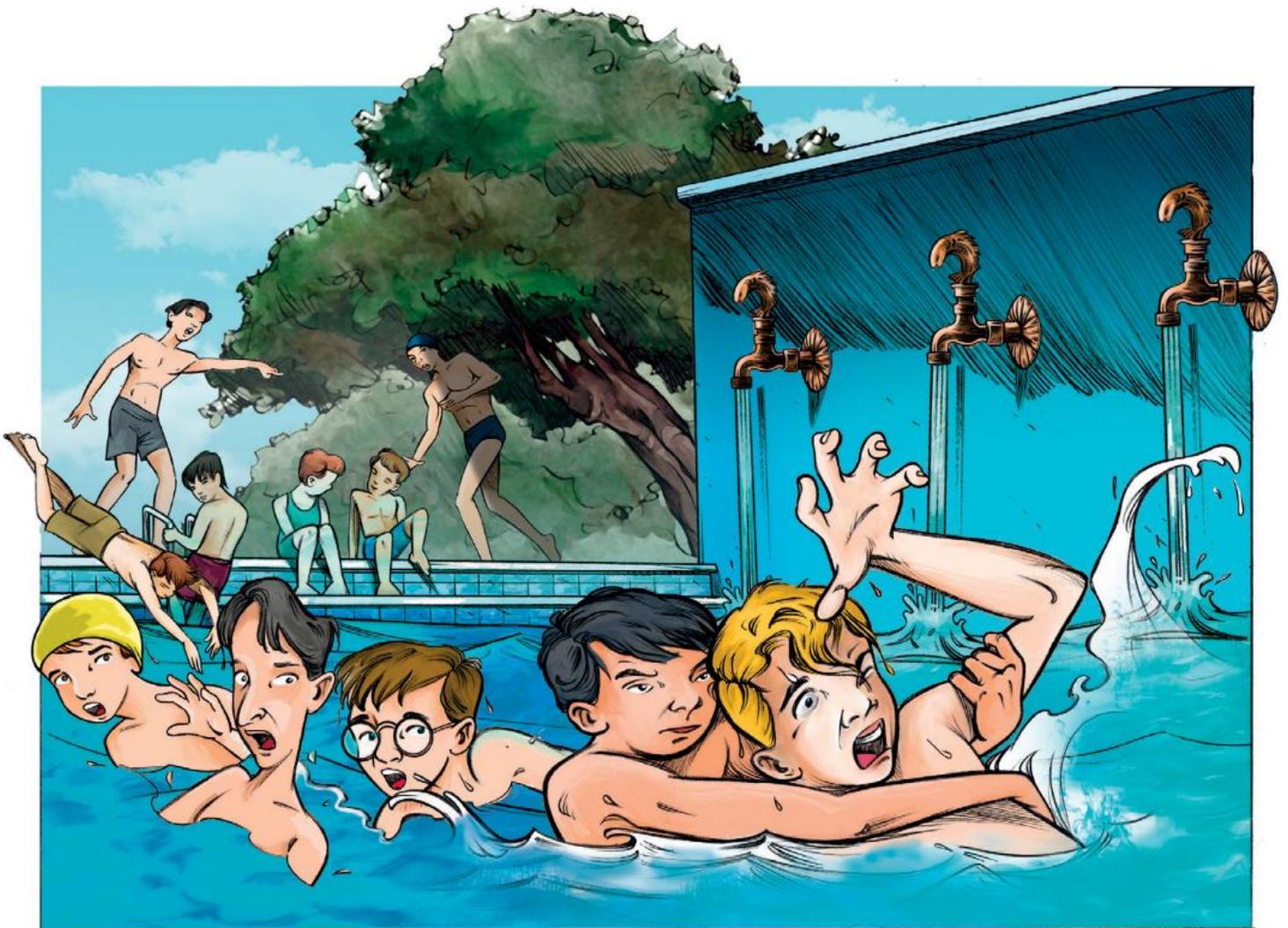
Aspectos gerais da obra analisada

A obra inicia-se com as primeiras aproximações de Sérgio, o protagonista, com o Ateneu: antes de se tornar aluno, ele vai a uma festa no colégio, sendo conquistado por toda a magnitude do espaço e da cerimônia. O protagonista e seu pai também fazem uma visita à casa de Aristarco, o diretor, onde conhecem a esposa dele, dona Ema, que sugere ao garoto que corte os cabelos, como um ritual de passagem para a vida adulta, marcando a sua saída do seio familiar.

Quando chega ao Ateneu, já em sua primeira aula, desmaia quando vai à frente para se apresentar à sala, o que já lhe rende perseguições de um colega, ou seja, toda a magnitude que ele tinha em seu imaginário acerca do colégio já começa a desmoronar.



Essa desilusão também se materializa em um dos momentos mais marcantes e perturbadores pelo qual passam os alunos: a natação, ou o banho, momento em que os alunos se lavam em uma enorme piscina e as relações de poder e a violência que se estabelecem na escola ganham formas apavorantes. Em um desses banhos, o protagonista é salvo do afogamento por seu colega Sanches, sendo que Sérgio desconfia de que o garoto também pudesse ser o causador do afogamento. Desse episódio surge uma relação entre os garotos, principalmente porque Sérgio se sentia em débito. Ele também acaba beneficiando-se dessa proximidade, já que Sanches é um aluno bom e bem querido. Essa relação, no entanto, não dura muito tempo porque Sérgio começa a se incomodar com as aproximações físicas de Sanches, sendo que o suposto amigo tenta atrapalhar o protagonista quando ambos se distanciam. Depois disso, Sérgio passa a figurar no livro de notas do diretor, usado para ridicularizar e oprimir os alunos.



A segunda amizade do protagonista no colégio é Franco, um menino que foi abandonado pelos pais no internato e que recebe total desprezo de Aristarco, sendo figura comum no livro do diretor. Essa relação será fruto da busca de Sérgio, na religião, por alívio diante das imoralidades que ele presencia. Vale ressaltar que não é uma religiosidade pautada em idas a celebrações religiosas, mas na reflexão consigo mesmo. Essa amizade renderá outro episódio marcante na vida do protagonista: Franco, para se vingar de todos que o oprimem, coloca cacos de vidro dentro da piscina. Sérgio não o ajuda, mas assiste à infração. Com remorso, dorme pedindo a Deus uma intervenção e, quando acorda, descobre que o zelador tinha encontrado e retirado os cacos da piscina.



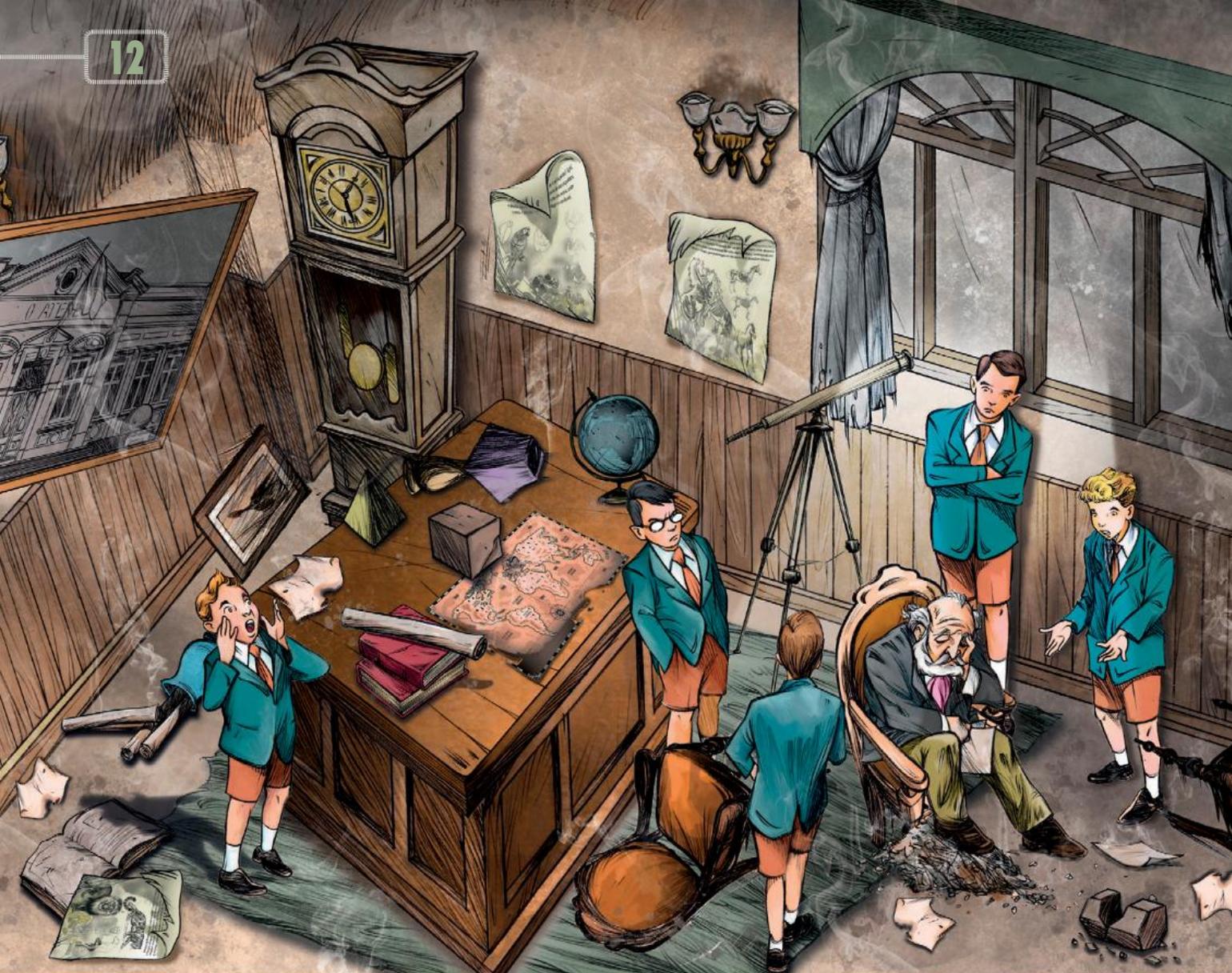
A terceira amizade a surgir na vida de Sérgio durante sua estada no Ateneu é Barreto, um aluno muito religioso que passa a falar para o protagonista de todas as punições divinas e sobre o que há no inferno, o que faz Sérgio se afastar de Barreto e da religião.

Após períodos ruins no internato, com péssimo desempenho acadêmico e amizades de interesse, Sérgio, seguindo um conselho de seu pai, encontra no clube literário um acalanto para si. Nesse espaço conhece Bento Alves, com o qual vai travar um relacionamento tão intenso que acaba por se tornar objeto de fofoca para os demais alunos.

Dando continuidade aos acontecimentos, um fato importante ocorre no colégio: o jardineiro esfaqueia até a morte outro funcionário em virtude de uma disputa amorosa por Ângela, uma espanhola que trabalhava para o diretor Aristarco. Outro acontecimento digno de nota e que envolve o protagonista é a sua participação, com Bento, em uma briga. Bento foge, mas Sérgio é flagrado por Aristarco. Confuso, o protagonista agride o diretor e passa a esperar por uma punição, a qual nunca vai chegar.

Aristarco enfrenta ainda outros dois problemas no Ateneu: uma carta de amor, assinada com um nome feminino, Cândida, é revelada. O diretor vai se envolver na questão prometendo encontrar autor e cúmplices, passando a humilhar Cândida, um dos autores. Em função disso, o mal-estar se instaura no colégio, pois todos começam a sentir medo de serem acusados e humilhados, por saberem da relação. Nesse clima, Franco é agredido sem qualquer motivação por um inspetor, gerando revolta nos alunos, que, também insatisfeitos com a má qualidade da comida (no caso, da goiabada), rebelam-se. Quando Aristarco consegue reassumir o controle do colégio, não pune ninguém e promete melhorar a qualidade da sobremesa. A cobrança de mensalidades continua, e o funcionamento do colégio se mantém em ordem (O Ateneu, como se pode verificar no decorrer da narrativa, revela-se como a principal preocupação de Aristarco, ao lado de seu ego). É depois disso que se inicia a próxima grande amizade de Sérgio no Ateneu, com Egbert, sobre a qual o narrador nos diz ter sido sua primeira amizade verdadeira, sem nenhum interesse. Ambos jantam na casa do diretor, quando o protagonista pode ver novamente dona Ema, essa figura maternal por quem Sérgio nutre certo amor.

Ao final da narrativa, já morando no alojamento dos meninos mais velhos, Sérgio passa a ter mais liberdade. Nesse período, seu amigo Franco fica doente e falece em pouco tempo, devido ao total descaso com sua condição. Por fim, no período das férias dos alunos, o Ateneu pega fogo, e Aristarco se vê sem a instituição que tanto prezava.



Em linhas gerais, esse é o enredo de *O Ateneu*, que é considerado a obra-prima de Raul Pompeia. Além da discussão acerca do movimento ao qual o autor pertenceria, naturalista ou realista, alguns críticos tomam o livro como um romance à parte na literatura brasileira, pois pode ser considerado o único representante do Impressionismo no Brasil. Isso ocorreria porque, na narrativa, o passado é recriado por recordações; dessa forma, traça-se uma realidade esfumada em certa medida, pois o colégio é apresentado a partir de impressões do protagonista, de caráter mais subjetivo, marcadas por vingança, angústia e autopunição, ou seja, a realidade construída é uma interpretação dos acontecimentos. Nesse sentido, a obra possui um caráter sensorial representativo, que vai ao encontro do vocabulário e da escrita de Pompeia, de muita riqueza

plástica e sonora, como se observa nos seguintes trechos: *As crianças (...) seguindo em grupos atropelados, como carneiros para a matança; (...) As mangueiras, como intermináveis serpentes, insinuavam-se pelo chão.*

Características marcantes do Realismo também permeiam a obra. A descrição minuciosa, que ambienta o leitor no cenário, é recorrente e oferece um bom panorama do colégio, dos espaços comuns dos acontecimentos que tanto marcaram a vida de Sérgio:

Natação chamava-se o banheiro, construído num terreno das dependências do Ateneu, vasta toalha d'água ao rés da terra, trinta metros sobre cinco, com escoamento para o Rio Comprido, e alimentada por grandes torneiras de chave livre. O fundo, invisível, de ladrilho, oferecia uma inclinação, baixando gradualmente de um extremo



para outro. Acusava-se ainda mais esta diferença de profundidade por dois degraus convenientemente dispostos para que tomassem pé as crianças como os rapazes desenvolvidos. Em certo ponto a água cobria um homem.

[...]

Ao longo do tanque, corria o muro divisório, além do qual ficava a chácara particular do diretor. À distância, viam-se as janelas de uma parte da casa, onde às vezes eram recolhidos os estudantes enfermos, fechadas sempre a venezianas verdes.

Assim como o Realismo e o Impressionismo, traços do Naturalismo também podem ser observados em *O Ateneu*.

De acordo com esse movimento, o homem sujeita-se às leis do meio social, do momento histórico e da herança genética, o que aparece no romance na exploração das ambições, das aparências e dos desejos (seja entre os meninos, seja o desejo que Sérgio sentirá por dona Ema).

A forma como Pompeia constrói o romance também permite que sejam encontrados alguns traços do Expressionismo na obra, como quando se explora, por meio do exagero, o caricatural e o grotesco, o que aparece bastante em *O Ateneu*, nas descrições feitas, no crime passional, na caracterização do diretor.

O psicologismo é outro elemento do qual se vale Raul Pompeia para a produção do romance, inaugurando na literatura brasileira o psicologismo do adolescente. Ademais, explorar a densidade psicológica das personagens é uma maneira de demonstrar como se estabelecem as relações dentro desse microcosmo que é o *Ateneu*, uma versão reduzida da própria sociedade. Explorar o narcisismo de Aristarco, que se regozija com os retratos dele produzidos pelos alunos,

com o busto de bronze recebido, com a submissão dos meninos perante ele, é um dos exemplos de como esse trabalho com elementos da psicologia é feito.



Uma questão que merece destaque é que, embora o colégio seja uma versão da sociedade em proporções menores, não se deve esquecer de que se trata de um ambiente dominado por homens, o que pode favorecer uma espécie de homoafetividade nas relações travadas, quase sempre sem ser explícita:

A franqueza da convivência aumentou dia a dia, em progresso imperceptível. Tomávamos lugar no mesmo banco. Sanches foi-se aproximando. Encostava-se, depois, muito a mim. Fechava o livro dele e lia no meu, bafejando-me o rosto com uma respiração de cansaço. Para explicar alguma coisa, distanciava-se um pouco; tomava-me, então, os dedos e amassava-me até doer a mão, como se fosse argila, cravando-me olhares de raiva injustificada. Volvia novamente às expansões de afeto e a leitura prosseguia, passando-me ele o braço ao pescoço como um furioso amigo.

É latente também a crítica às relações sociais mediadas pelo poder e pelo dinheiro. O microcosmo do internato reflete as relações de toda a sociedade. Em uma perspectiva naturalista, o romancista utiliza-se do espaço do colégio em forma de experimento social: Aristarco torna-se símbolo do poder e do interesse. A forma de tratar os alunos pauta-se nas mensalidades pagas e no prestígio que as respectivas famílias possuem; ressalta-se ainda o futuro genro do diretor, um aluno sem talento algum que é sempre escalado para grandes eventos. A educação é mostrada como um grande produto a ser comercializado e de direito àqueles que podem pagar por ela. Mais do que isso, Aristarco, que é ridicularizado ao longo da narrativa, representaria uma figura autoritária e caricatural, que alguns críticos entendem como uma alegoria do Império, que vigorava à época. Há também a crítica a comportamentos imorais representados nos alunos como abuso de poder e que, atualmente, configuram-se como *bullying*:

Dois últimos pareceres concorreram oportunamente para desatar os embaraços e a assembleia dispersou-se. Um cearensezinho, de cabelo à escova, inteligente e silencioso, amigo de responder por um jeito especial de virar os olhos, senhor de um sorriso desconcertante que sabia armar a propósito, falando baixinho e explícito, introduziu no debate a descrição minuciosa, sem perda de fofos nem apanhados, da toilette balneária das mulheres do sertão na província, descendo ao rio, de um belo pano simpático em que o raio do sol nascente representa de fio mais grosso. Outro parecer foi a grosseira chacota de um caturra barrigudinho, fronte de novilho, miniatura de arriero, brutal e maroto, filho de um criador abastado do Paraná e instruído para todas as exigências práticas da indústria paterna. Estava ali a ouvir desde o princípio sem dizer palavra, esperando a conclusão. Supondo que o cearense ia fazer a luz, atirou-se adiante, interrompeu-o e concluiu largando o enxurro, esponjando-se farto na garotada, como a cria da estância no lodo fresco.

A vadiagem dos dormitórios não consistia só em palestra. Depravados pelo aborrecimento e pela ociosidade, inventavam extravagâncias de cinismo.

O Cerqueira, ratazana, sujeito cômico, cara feita de beijos, rachada em boca como as romãs maduras, de mãos enormes como um disfarce de pés, galopava a quatro pelos salões, zurrando em fraldas de camisa, escoucinhando uma alegria sincera de mu. Maurílio, o dos quinaus, não era exclusivamente o campeão da tabuada que conhecemos; tinha outra habilidade notável e prestava-se com aplauso a uma experiência original de fluidos inflamáveis. Este rapaz escapou de morrer, em um dos últimos naufrágios da nossa costa; um ex-colega escreveu-lhe: Quem os semeia, colhe tempestades.

As provocações no recreio eram frequentes, oriundas do enfado; [...].

Quanto ao narrador, embora as obras realistas do período centrem-se principalmente no foco em 3ª pessoa (para oferecer objetividade e distanciamento para a análise), em *O Ateneu*, trata-se de um narrador em primeira pessoa, adulto, que conta suas vivências, experiências, angústias e impressões vividas quando criança em seu tempo no internato. Por existir um distanciamento no que se refere à idade, há uma mistura entre os sentimentos do adulto e as inseguranças da criança, mas claramente os valores e a crítica apresentados já contemplam a visão do adulto, cheia de sátira e rancor. Nesse sentido, a narrativa aproxima-se da própria experiência do autor, Raul Pompeia, em sua infância. Um paralelo também se estabelece na relação conflituosa com o mundo, já que o autor, conforme apontado, conviveu com muitos conflitos e dissabores na sociedade de seu tempo.

Quanto ao tempo cronológico, o romance narra acontecimentos que se passam em um período de dois anos, que vão desde a entrada de Sérgio no colégio até o incêndio que destrói completamente o Ateneu. Quanto ao psicológico, é ele que predomina, por ser um romance de memória em que fatos e pessoas surgem, em forma de *flashback*, conforme sua importância no momento da narração.

Por fim, o espaço físico da narrativa é o colégio localizado no Rio de Janeiro; já o espaço figurado compreende a família e a sociedade. Vale ressaltar, no entanto, que o espaço do colégio ganha contornos de descrição figurada:

Era assim o colégio. Que fazer da matalotagem dos meus planos? Onde meter a máquina dos meus ideais naquele mundo de brutalidade, que me intimidava com os obscuros detalhes e as perspectivas informes, escapando à investigação da minha inexperiência? Qual o meu destino, naquela sociedade que o Rebelo descrevera horrorizado, com as meias frases de mistério, suscitando temores indefinidos, recomendando energia, como se coleguismo fosse hostilidade? De que modo alinhar a norma generosa e sobranceira de proceder com a obsessão pertinaz do Barbalho? Inutilmente buscara reconhecer no rosto dos rapazes o nobre aspecto da solenidade dos prêmios, dando-me ideia da legião dos soldados do trabalho, que fraternizavam no empenho comum, unidos pelo coração e pela vantagem do coletivo esforço. Individualizados na debandada do recreio, com as observações ainda mais da crítica do Rebelo, bem diverso sentimento inspiravam-me. A reação do contraste induzia-me a um conceito de repugnância que o hábito havia de esmorecer, que me tirava lágrimas àquela noite. Ao mesmo tempo oprimia-me o pressentimento da solidão moral, fazendo adivinhar que as preocupações mínimas e as concomitantes surpresas inconfessáveis dariam pouco para as efusões de alívio, a que corresponde o conselho, a consolação.

Trata-se, assim, de um microcosmo da sociedade, intimidador, hipócrita, desumano, brutal. Um espaço de aprendizagem dolorosa, em que o menino se prepara para tornar-se homem e viver na sociedade.

Personagens principais

Sérgio

Narrador e personagem principal, ele oferece ao leitor sua história de vida no internato e as mudanças que isso provoca nele.

Aristarco

Diretor do colégio, possui uma atitude paterna, em dada medida, buscando formar e moldar as crianças do internato. Muito vaidoso, fica admirado consigo mesmo e com os sucessos do internato.

D. Ema

Esposa do diretor, possui uma atitude materna em relação aos alunos, e Sérgio nutre por ela uma pequena paixão.

Ângela

Empregada da família do diretor, é a representação da paixão carnal e é por causa dela que ocorre um assassinato no internato.

Rebelo

Um dos melhores alunos do Ateneu, tanto no que concerne ao comportamento como aos estudos. Foi designado para ajudar Sérgio assim que começaram as aulas deste.

Sanches

Uma das primeiras pessoas com quem Sérgio irá se relacionar no colégio, após seu envolvimento no afogamento e no salvamento do protagonista.

Franco

Um garoto que, vítima do abandono de seus pais e, conseqüentemente, do desprezo de Aristarco, morre no internato.

Bento Alves

Um garoto forte e um tanto submisso, características das quais Sérgio vai se aproveitar para usar em defesa própria.

Egbert

Garoto que será a única amizade verdadeira de Sérgio.

QUESTÕES

⇒ Leia o trecho inicial do romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia (1863-1895), para responder à questão 1.

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.”

Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora, e não viesses de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado, beirando a estrada da vida.

Eu tinha onze anos.

Frequentara como externo, durante alguns meses, uma escola familiar do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglesas, sob a direção do pai, distribuíam educação à infância como melhor lhes parecia. Entrava às nove horas timidamente, ignorando as lições com a maior regularidade, e bocejava até às duas, torcendo-me de insipidez sobre os carcomidos bancos que o colégio comprara, de pinho e usados, lustrosos do contato da malandragem de não sei quantas gerações de pequenos. Ao meio-dia, davam-nos pão com manteiga. Esta

recordação gulosa é o que mais pronunciadamente me ficou dos meses de externato; com a lembrança de alguns companheiros – um que gostava de fazer rir à aula, espécie interessante de mono louro, arrepiado, vivendo a morder, nas costas da mão esquerda, uma protuberância calosa que tinha; outro adamado, elegante, sempre retirado, que vinha à escola de branco, engomadinho e radioso, fechada a blusa em diagonal do ombro à cinta por botões de madrepérola. Mais ainda: a primeira vez que ouvi certa injúria crespá, um palavrão cercado de terror no estabelecimento, que os partistas denunciavam às mestras por duas iniciais como em monograma.

Lecionou-me depois um professor em domicílio.

Apesar deste ensaio da vida escolar a que me sujeitou a família, antes da verdadeira provação, eu estava perfeitamente virgem para as sensações novas da nova fase. O internato! Destacada do conchego placentário da dieta caseira, vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade.

(*O Ateneu*, 1999.)

1. Unesp 2019

- Que relação o narrador estabelece entre a vida familiar e a vida no internato? Justifique sua resposta.
- Por que razão o narrador chama de “eufemismo” os “felizes tempos”?

2. UEL 2017 Leia, a seguir, o comentário crítico sobre o romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia, e o fragmento extraído da obra.

Acumulam-se situações e experiências, como reflexos de caracteres e intenções, selecionados e comunicados do ponto de vista subjetivo do autor-personagem. Assim, a memória evocadora sofre contínuas interferências subconscientes, de forma a substituir a noção de tempo objetivo pela duração interior e ir de encontro aos processos realistas então frequentes de abordagem ou observação da vida. O ângulo de visão do mundo ou da realidade é essencialmente subjetivo, impondo-se como o principal elemento de unidade da obra. Domina nela a presença de Sérgio adolescente sob a vigilância esclarecedora de Sérgio adulto, na pessoa do romancista, pelo que se pode falar em autor-personagem. Essa correlação se impõe pela necessidade imperiosa de

reconquistar o equilíbrio da experiência passada, mas que continua a atuar no presente de maneira opressiva.

CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A. *Presença da Literatura Brasileira: história e antologia*. I Das origens ao realismo. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. p. 349-350.

Aludi várias vezes ao revestimento exterior de divindade com que se apresentava habitualmente Aristarco. Era um manto transparente, da natureza daquele tecido leve de brisas trançadas de Gautier, manto sobrenatural que Aristarco passava aos ombros, revelando do estofado nada mais que o predicado de majestade, geralmente estranho à indústria pouco abstrata dos tecelões e à trama concreta das lançadeiras. Ninguém conseguia tocar com o dedo a misteriosa púrpura. Sentia-se, porém, o influxo da realeza impalpável. Assim é que um simples olhar do diretor imobilizava o colégio fulminantemente, como se levasse no brilho ameaças de todo um despotismo cruento.

POMPEIA, R. *O Ateneu*. 4.ed. São Paulo: Martin Claret, 2013. cap. 4. p. 69-70.

Com base na leitura do fragmento crítico e do trecho destacado da obra, explique a correlação entre Sérgio adolescente e Sérgio adulto.

3. Enem 2015 *Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa, molhando-me de lágrimas os cabelos e eu parti.*

Duas vezes fora visitar o Ateneu antes da minha instalação.

Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido reclame, mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomeçar com artigos de última remessa; o Ateneu desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais, sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de aclamações o bombo vistoso dos anúncios.

O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do Visconde de Ramos, do Norte, enchia o império com o seu renome de pedagogo. Eram boletins de propaganda pelas províncias, conferências em diversos pontos da cidade, a pedidos, à substância, atochando a imprensa dos lugarejos, caixões, sobretudo, de livros

elementares, fabricados às pressas com o ofegante e esbaforido concurso de professores prudentemente anônimos, caixões e mais caixões de volumes cartonados em Leipzig, inundando as escolas públicas de toda a parte com a sua invasão de capas azuis, róseas, amarelas, em que o nome de Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao pasmo venerador dos esfaimados de alfabeto dos confins da pátria. Os lugares que os não procuravam eram um belo dia surpreendidos pela enchente, gratuita, espontânea, irresistível! E não havia senão aceitar a farinha daquela marca para o pão do espírito.

POMPEIA, R. *O Ateneu*. São Paulo: Scipione, 2005.

Ao descrever o Ateneu e as atitudes de seu diretor, o narrador revela um olhar sobre a inserção social do colégio demarcado pela

- A) ideologia mercantil da educação, repercutida nas vaidades pessoais.
- B) interferência afetiva das famílias, determinantes no processo educacional.
- C) produção pioneira de material didático, responsável pela facilitação do ensino.
- D) ampliação do acesso à educação, com a negociação dos custos escolares.
- E) cumplicidade entre educadores e famílias, unidos pelo interesse comum do avanço social.

➤ Texto para as questões 4 e 5.

“Vais encontrar o mundo, ¹disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.” Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, ²que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, ³que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora, e ⁴não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas.

Raul Pompeia, *O Ateneu*.

4. FGV 2015 Costuma-se considerar que *O Ateneu*, de Raul Pompeia, embora tenha como subtítulo “Crônica de saudades”, pertence à modalidade literária conhecida como *romance de formação*, cujo modelo ou paradigma é a narrativa do percurso de aprendizagem de um jovem, no qual ele forma seu caráter, supera os problemas encontrados e prepara sua inserção harmônica na sociedade.

Admitindo-se esse paradigma, a reflexão sobre o tempo apresentada pelo narrador na abertura do livro, aqui reproduzida, indica que *O Ateneu* irá se configurar como um romance de formação

- A negativo. D doutrinário.
 B historicista. E ortodoxo.
 C tropical.

5. FGV 2015 Uma nota pessoal do autor de *O Ateneu*, Raul Pompeia, registra que, na sua concepção, “a prosa tem de ser eloquente, para ser artística, tal como os versos”. Essa concepção

- I. manifesta-se na composição do trecho de *O Ateneu*, aqui reproduzido;
 II. orienta igualmente a prosa machadiana de *Quincas Borba*;
 III. contraria o ideal estilístico do autor de *São Bernardo*, Graciliano Ramos.

Está correto o que se indica em:

- A I, somente. D II e III, somente.
 B II, somente. E I, II e III.
 C I e III, somente.

» Texto para as questões de 6 a 8.

As provocações no recreio eram frequentes, oriundas do enfado; irritadiços todos como feridas; os inspetores a cada passo precisavam intervir em conflitos; as importunações andavam em busca das suscetibilidades; as suscetibilidades

a procurar a sarna das importunações. Viam de joelhos o Franco, puxavam-lhe os cabelos. Viam Rômulo passar, lançavam-lhe o apelido: mestre-cuca!

Esta provocação era, além de tudo, inverdade. Cozinheiro, Rômulo! Só porque lembrava culinária, com a carnosidade bamba, fofada dos pastelões, ou porque era gordo das enxúndias enganadoras dos fregistas, dissolução mórbida de sardinha e azeite, sob os aspectos de mais volumosa saúde?
 (...)

Rômulo era antipatizado. Para que o não manifestassem excessivamente, fazia-se temer pela brutalidade. Ao mais insignificante gracejo de um pequeno, atirava contra o infeliz toda a corpulência das infiltrações de gordura solta, desmoronava-se em socos. Dos mais fortes vingava-se, resmungando intrepidamente.

Para desesperá-lo, aproveitavam-se os menores do escuro. Rômulo, no meio, ficava tonto, esbravejando juras de morte, mostrando o punho. Em geral procurava reconhecer algum dos impertinentes e o marcava para a vindita. Vindita inexorável.

No decorrer enfadonho das últimas semanas, foi Rômulo escolhido, principalmente, para expiatório do desfastio. Mestre-cuca! Via-se apregoadado por vozes fantásticas, saídas da terra; mestre-cuca! Por vozes do espaço rouquenhadas ou esganiçadas. Sentava-se acabrunhado, vendo se se lembrava de haver tratado panelas algum dia na vida; a unanimidade impressionava. Mais frequentemente, entregava-se a acessos de raiva. Arremetia bufando, espumando, olhos fechados, punhos para trás, contra os grupos. Os rapazes corriam a rir, abrindo caminho, deixando rolar adiante aquela ambulância danada de elefantíase.

Raul Pompeia. *O Ateneu*.

6. Unifesp 2011 Indique a alternativa em que os fragmentos selecionados exemplificam, respectivamente, a manifestação clara do ponto de vista do narrador e a opinião do grupo, a propósito de Rômulo.

- A Cozinheiro, Rômulo! – Vindita inexorável.
 B Vindita inexorável. – Cozinheiro, Rômulo!
 C Mestre-cuca! – Vindita inexorável.
 D Cozinheiro, Rômulo! – Mestre-cuca!
 E Mestre-cuca! – Cozinheiro, Rômulo!

7. Unifesp 2011

- Considere as seguintes afirmações.
- I. A alcunha de mestre-cuca, recebida por Rômulo, advinha do fato de ter praticado, anteriormente, a arte culinária.
 - II. As agressões e humilhações sofridas por Rômulo eram essencialmente motivadas por sua antipatia.
 - III. As reações de Rômulo às provocações dos colegas variavam conforme as circunstâncias.

De acordo com o texto, está correto o que se afirma apenas em

- | | |
|----------------------------------|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> A. I. | <input type="checkbox"/> D. I e II. |
| <input type="checkbox"/> B. II. | <input type="checkbox"/> E. II e III. |
| <input type="checkbox"/> C. III. | |

8. Unifesp 2011

- Sobre o texto, é correto afirmar:
- A. A atmosfera tensa presente no cotidiano do colégio era produto, sobretudo, da marcação cerrada dos inspetores, que intervinham nos muitos conflitos.
 - B. Rômulo, devido às provocações que sofre, perde as certezas sobre si mesmo e assume um comportamento que oscila entre a angústia e ataques de fúria.
 - C. Alguns alunos, por serem muito suscetíveis, importunavam outros colegas, puxando-lhes o cabelo ou colocando-lhes apelidos.
 - D. A brutalidade física de Rômulo era a única solução que encontrava para enfrentar a chacota dos alunos mais fortes.
 - E. A unanimidade dos alunos em chamar Rômulo de cozinheiro fazia com que preponderasse sua atitude de entregar-se ao acabrunhamento.

➤ Texto para as questões de 9 a 12.

Fragmento do romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia (1863-1895), em que o narrador comenta suas reações ao ensino que recebia no colégio:

O Ateneu

A doutrina cristã, anotada pela proficiência do explicador, foi ocasião de dobrado ensino que muito me interessou. Era o céu aberto, rodeado de altares, para todas as criações consagradas da fé. Curioso encarar a grandeza

do Altíssimo; mas havia janelas para o purgatório a que o Sanches se debruçava comigo, cuja vista muito mais seduzia. E o preceptor tinha um tempero de unção na voz e no modo, uma sobrançeria de diretor espiritual, que fala do pecado sem macular a boca. Expunha quase compungido, fincando o olhar no teto, fazendo estalar os dedos, num enlevo de abstração religiosa; expunha, demorando os incidentes, as mais cabeludas manifestações de Satanás no mundo. Nem ao menos dourava os chifres, que me não fizessem medo; pelo contrário, havia como que o capricho de surpreender com as fantasias do Mal e da Tentação, e, segundo o lineamento do Sanches, a cauda do demônio tinha talvez dois metros mais que na realidade. Insinuou-me, é certo, uma vez, que não é tão feio o dito, como o pintam.

O catecismo começou a infundir-me o temor apavorado dos oráculos obscuros. Eu não acreditava inteiramente. Bem pensando, achava que metade daquilo era invenção malvada do Sanches. E quando ele punha-se a contar histórias de castidade, sem atenção à parvidade da matéria do preceito teológico, mulher do próximo, Conceição da Virgem, terceiro-luxúria, brados ao céu pela sensualidade contra a natureza, vantagens morais do matrimônio, e porque a carne, a inocente carne, que eu só conhecia condenada pela quaresma e pelos monopolistas do bacalhau, a pobre carne do beef, era inimiga da alma; quando retificava o meu engano, que era outra a carne e guisada de modo especial e muito especialmente trinchada, eu mordida um pedacinho de indignação contra as calúnias à santa cartilha do meu devoto credo. Mas a coisa interessava e eu ia colhendo as informações para julgar por mim oportunamente.

Na tabuada e no desenho linear, eu prescindia do colega mais velho; no desenho, porque achava graça em percorrer os caprichosos traços, divertindo-me a geometria miúda como um brinquedo; na tabuada e no sistema métrico, porque perdera as esperanças de passar de medíocre como ginasta de cálculos, e resolvera deixar a Maurílio ou a quem quer que fosse o primado das cifras.

Em dois meses tínhamos vencido por alto a matéria toda do curso; e, com este preparo, sorria-me o agouro de magnífico futuro, quando veio a fatalidade desandar a roda.

(Raul Pompeia. *O Ateneu*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1963.)

9. Unesp No primeiro parágrafo, a personagem Sanches, aluno mais velho que atuava como espécie de preceptor para os estudos de Sérgio, o mais novo, se refere a duas entidades da religião cristã, contextualizando valores opostos a cada uma delas. Identifique as duas entidades e os valores a que estão respectivamente associadas.

10. Unesp Ao focalizar os pecados contra as virtudes estipuladas pela religião, no segundo parágrafo, o narrador de certo modo se diverte e faz um jogo de palavras com duas diferentes acepções de *carne*. Leia atentamente o parágrafo e explique esse jogo de palavras.

11. Unesp Nesta passagem de *O Ateneu*, romance que a crítica literária ainda hesita em classificar dentro

de um único estilo literário, a personagem narradora se refere ao ensino de religião cristã, desenho e matemática, mostrando atitudes diferentes com relação aos conteúdos de cada disciplina. Leia o texto e, a seguir, explique a razão de a personagem narradora declarar, no penúltimo parágrafo, que prescindia do colega mais velho no aprendizado de desenho.

12. Unesp Embora no uso popular a palavra *agouro* apresente muitas vezes a acepção de “previsão ruim”, seu significado original não tem essa marca pejorativa, mas, simplesmente, o de *prognóstico*, *previsão*, *predição*, *augúrio*. Leia atentamente o último parágrafo do fragmento de *O Ateneu* e, a seguir, explique, comprovando com base em elementos do contexto, em que sentido o narrador empregou a palavra *agouro*.

GABARITO

1. a) No trecho, existem diversos fragmentos que demonstram que o ambiente familiar era um espaço de carinho e acolhimento, em oposição à vida no internato, que se revela um espaço de frieza, de enfrentamento e de aquisição de experiências pelo sofrimento. No segundo parágrafo, a educação familiar é “estufa de carinho”, na qual vigora o “regime de amor doméstico”. O externato é quase uma extensão desse espaço protegido, onde o narrador não experimenta as pressões da disciplina e do qual guarda uma “recordação gulosa”, o pão com manteiga e outras memórias, todas repletas de afeto. Em uma expressão do último parágrafo, a vida em família é o “conchego placentário da dieta caseira”. Bem diferente se desenha a vida no Ateneu, descrito como “luta” pelo pai, no primeiro parágrafo, e como “verdadeira provação”, no último, pelo próprio narrador. O internato é o mundo sem as ilusões da criança, espaço hostil cujos ensinamentos deixam expressão rude no sujeito, imerso em “clima rigoroso”, que é muito diferente do que se considera “estufa de amor doméstico”.

b) O eufemismo é utilizado para atenuar a força de algumas expressões. A leitura dos parágrafos iniciais de *O Ateneu* revela que o narrador descreverá, de um

lado, a infância e a pré-adolescência como período marcado pela impressão violenta da oposição entre o acolhimento e o carinho da vida familiar e, de outro, a frieza violenta da vida do internato. Chamar esses anos negativos de “felizes tempos” – em que as afeições recebidas em casa parecem ter sido dadas apenas para reforçar a violência das lições do mundo – é se apropriar do eufemismo para caracterizá-los. Dizer que eles “correram como melhores” é, segundo o narrador, não perceber que “a realidade é a mesma em todas as datas”, isto é, não perceber que as decepções se repetem ao longo do tempo, apesar das diferenças de superfície.

2. Se considerarmos o fragmento do texto crítico, mais especificamente “reconquistar o equilíbrio da experiência passada”, podemos perceber que isso ocorre claramente em *O Ateneu*. O narrador Sérgio adulto, que é um autor-personagem, aparece nitidamente conduzindo a narração ao dizer “aludi várias vezes”, mas fica clara também a intervenção do Sérgio adolescente quando apresenta o impacto que a imagem do diretor provocava nos rapazes – “o olhar do diretor imobilizava o colégio fulminantemente”, ou seja, é Sérgio adulto recuperando as impressões que Sérgio adolescente tinha.

3. A No trecho, fica clara a lógica mercantil da educação. Aristarco, no papel de mantenedor do colégio Ateneu, busca várias formas de fazer propaganda do colégio e

vender o serviço educação; assim, preocupa-se com a aparência do colégio para causar boa impressão nas potenciais famílias de novos alunos, que ele enxerga como clientes. Ademais, sua farsa como professor fica evidente quando se promove em cima de livros que, na verdade, foram escritos por outros professores, o que demonstra a vaidade de Aristarco.

4. A

Um romance de formação é aquele em que se apresenta a trajetória de vida de um jovem marcado pela aprendizagem que o transforma em um adulto. Logo, considerando essa definição, *O Ateneu* é um romance de formação. Contudo, o romance não traz exatamente superação, mas sim dores, traumas e marcas negativas provocadas pelos anos de escolarização no Ateneu.

5. C

Machado de Assis possui um estilo muito artístico, retórico, mas pouco eloquente, diferentemente do que ocorre em *O Ateneu*, romance com muitas figuras de linguagem, preciosista, com um estilo quase barroco, o que vai na contramão da concisão e da economia praticada por Graciliano Ramos.

6. D

Em “Cozinheiro, Rômulo!”, há a estranheza do narrador diante do apelido dado a Rômulo. Já “Mestre-cuca!” é o termo a que a expressão anterior alude e o apelido do garoto dado pelo grupo.

7. C

O apelido Mestre-Cuca foi dado a Rômulo em virtude de sua obesidade, por esse motivo fica claro que as afirmações I e II estão incorretas. Quanto à III, está correta porque de fato Rômulo alterna suas reações de acordo com as circunstâncias, às vezes procurando entender se o apelido tinha fundamento: “vendo se se lembrava de haver tratado panelas algum dia na vida”, mas mais frequentemente ficava com raiva e era violento: “arremetia bufando, espumando, olhos fechados”.

8. B

Segundo o texto, Rômulo vive um clima de angústia expresso na passagem: “Via-se apregoadado por vozes fantásticas, saídas da terra... Sentava-se acabrunhado, vendo se se lembrava de haver tratado panelas algum dia na vida” e apresenta um comportamento calcado no ódio e na raiva, como na passagem: “Mais frequentemente, entregava-se a acessos de raiva. Arremetia bufando, espumando, olhos fechados, punhos para trás, contra os grupos”.

9. No primeiro parágrafo, podemos encontrar referência a duas entidades: céu e purgatório, bem como a Deus (o Altíssimo) e Satanás. Respectivamente, essas entidades associam-se ao bem (a virtude) e à beatitude eterna e ao Mal, à Tentação (o pecado) e à condenação, ou provisórios (purgatório), ou eternos (inferno).

10. O narrador, em sua ingenuidade de criança, quando ouve “pecados da carne”, associa a questão à carne bovina, única referência que tinha da palavra até aquele momento. Seu instrutor vai lhe esclarecer que se tratava de outra carne, do corpo, indicando sua repulsa aos atos ligados ao corpo, que eram contrários à doutrina, à moral da religião católica.

11. O narrador não gostava de Matemática, por isso sua *performance* nessa matéria, na visão dele, era medíocre. O Desenho, por sua vez, o atraía e entretinha: “achava graça em percorrer os caprichosos traços, divertindo-me a geometria miúda como um brinquedo”. Assim, prescindia do colega mais velho, porque este poderia ajudá-lo em Religião, mas em Matemática não teria validade qualquer.

12. A palavra “agouro”, da forma como está empregada no texto, possui caráter positivo, como se observa no verbo “sorria-me” e no complemento nominal “de magnífico futuro”, que aparecem juntos a ela. Logo, “agouro” assume um sentido de “prognóstico, previsão”, não havendo caráter negativo.

AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.



POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

sistemapoliedro.com.br

São José dos Campos-SP
Telefone: 12 3924-1616
editora@sistemapoliedro.com.br



2 0034 11 000124